

Dívida externa ainda sem solução

José Roberto Serra — 1/9/89

Cristiana Bocayuva — 5/1/89

Renegociação com os bancos recomeça na terça

José Ramos

BRASÍLIA — As negociações do Brasil com os bancos credores recomeçam na terça-feira, véspera da reunião em que a diretoria do Fundo Monetário Internacional (FMI) deverá aprovar o acordo com o governo brasileiro. Segundo o presidente do Banco Central, Francisco Gros, as conversações com os bancos serão retomadas pelo negociador brasileiro, Pedro Malan, que está levando nova proposta ao comitê de bancos. Mas ele adianta que o país não tem solução para a principal exigência dos banqueiros, que querem garantias equivalentes a US\$ 4 bilhões.

A contraproposta levada por Malan, segundo Gros, mantém a garantia em torno de US\$ 2 bilhões, oferecida pelo Brasil anteriormente, com algumas modificações, como sua extensão aos juros, e não apenas ao principal da dívida. “Não estamos querendo assinar nenhum cheque sem fundos”, comentou Gros, garantindo que o país não tem condições de aumentar as garantias, o implicaria desembolso superior ao previsto.

Diante da volatilidade das reservas, como se observou no final do ano passado, Gros considera esta hipótese descartada, pois o Brasil precisa ter certa folga na disponibilidade de recursos para atender aos compromissos externos. “As reservas não podem se tornar o carregador deste piano.” O acordo com o FMI, segundo Gros, ajudará nas negociações com os bancos privados, pois é um aval da situação do país, uma avaliação que os bancos não seriam capazes de fazer.



Francisco Gros: otimista

O acordo com o FMI favorecerá ainda o início formal das conversações com o Clube de Paris, que reúne credores governamentais dos países desenvolvidos. O primeiro contato, ainda informal, foi feito por Gros na semana passada, durante visita à Europa, quando se encontrou com o presidente do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet. A abertura oficial das negociações deverá ser feita no final de fevereiro pelo ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira.

Gros antecipa que o Clube de Paris se recusa a oferecer descontos para os juros ou o principal da dívida, ao contrário dos bancos privados. Entretanto, dispõe-se a fornecer novos empréstimos logo após o fechamento de um acordo, coisa que os bancos não pretendem fazer. Os descontos oferecidos pelo Clube de Paris às dívidas da Polônia e de países africanos foram concedidos com



Pedro Malan: negociador

a condição de que o clube não concederia novos financiamentos. Esta solução não interessa ao Brasil, avalia Gros, interessado principalmente na volta dos financiamentos das importações e nos empréstimos para formação de garantias de pagamento das dívidas, que podem ser dados pelos japoneses. A dívida do Brasil com o Clube de Paris está em torno de US\$ 20 bilhões, dos quais cerca de US\$ 4 bilhões em atraso.

O presidente do BC está otimista quanto à melhoria das relações do Brasil com o Banco Mundial (Bird). “É até embaraçosa a manifestação de apoio deles”, brincou Gros, referindo-se às palavras do vice-presidente do Bird para América Latina e Caribe, Shahid Husein, que não poupou elogios à equipe econômica brasileira. O objetivo do Brasil é retomar o fluxo de empréstimos do Bird, hoje negativo.